

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OESP

CLASS. : 1415

DATA : 19 01 90

PG. : 02

Caça às riquezas ianomamis

SYDNEY POSSUELO

No início do século XVI, a notícia do descobrimento do Novo Mundo percorreu a Europa. Com isso, abriu-se a temporada de caça às riquezas americanas. Ao longo deste processo de exploração, vários homens se notabilizaram pela crueldade dos métodos empregados na guerra de conquista. E figuras como as de Francisco Pizarro e Fernán Cortez se tornaram históricas pela desumanidade com que procederam para submeter o Novo Mundo ao domínio do velho e cristianizado continente europeu.



Quase 500 anos depois, essa trágica história permanece atual no Brasil, através do drama hoje vivido, em sua total intensidade, pelo povo ianomami. Vítima, como a época de Pizarro e Cortez, do mesmo objetivo da sociedade "civilizada": a acumulação de riquezas baseada, acima de tudo, na submissão dos povos indígenas em nome de Deus ou pela força das armas.

Ocupantes imemoriais de nove milhões de hectares que se espalham por Roraima e pelo Amazonas, área que está garantida pela Constituição

brasileira, os índios ianomamis convivem, há mais de uma década, com a invasão de seu território pelos garimpeiros. Invasão que, apesar da decisão da Justiça, foi admitida pelo próprio governo ao celebrar um acordo ilegal baseando-se na farsa de que o fim do garimpo geraria uma crise social.

Na verdade, os articulados segmentos que vêm lucrando com a exploração do ouro simplesmente inverteram, através de obscuros entendimentos, a realidade, pois, a partir do momento em que fizeram dos garimpeiros as supostas vítimas, adulteraram o espírito de justiça da liminar que determinou o fim da exploração ilícita de ouro e transformaram os ianomamis — as vítimas da devastação causada pelo garimpo — em algozes.

A crise real existente em Roraima é a do povo ianomami que, ao longo dos dez últimos anos, vem sendo, sistematicamente, dizimado pelas doenças infecto-contagiosas disseminadas pelos garimpeiros, situação agravada, de maneira brutal, pela degradação do meio ambiente do qual depende para a própria sobrevivência.

Não bastassem os profundos danos causados aos índios e à ecologia, a crise gerada pela exploração

ilegal do ouro se abate sobre a Nação, que vem sendo lesada na medida em que esta riqueza percorrer descaminhos com destino desconhecido, não contribuindo, sob qualquer aspecto, para o desenvolvimento brasileiro. A quem, então, interessa a permanência dos garimpeiros na terra dos ianomamis? Afinal, se o garimpo resulta em morte, destruição e dilapidação dos recursos nacionais, a resposta é cristalina: a um pequeno grupo de empresas nacionais e multinacionais que antevê, em futuro próximo, a possibilidade de explorar essa província mineral em escala industrial. Subsidiariamente, a continuação do garimpo interessa, também, a políticos ocasionais que estão manipulando a crise com objetivos eleitorais e, ainda, aos pequenos comerciantes e à legião de miseráveis que opera os garimpos e assegura aos donos de balsas lucros infensos à ação fiscal.

A temporada de caça continua aberta. Uma diferença básica, contudo, é evidente. Há 500 anos, a moral e a ética vigentes permitiam o massacre e o saque dos povos indefesos. Hoje, entre as nações civilizadas, tal comportamento não é mais admitido. De que lado, portanto, ficarão os homens e as autoridades a quem cabe resolver a situação? De Pizarro e Cortez ou da Justiça?

O garimpo dizima os índios e degrada o ambiente

Sydney Possuelo é coordenador de índios isolados da Funai.